

## Os "dialectos madeirenses" e a história da língua portuguesa

Naidea Nunes Nunes

Pretendemos sublinhar a importância do estudo dos "dialectos madeirenses" para a História da Língua Portuguesa, uma vez que estes podem fornecer informações importantes sobre a evolução da língua portuguesa no tempo e no espaço. Por sua vez, a História da Língua Portuguesa pode explicar a formação e a especificidade dos "dialectos madeirenses", através de factores linguísticos e extra-linguísticos (histórico-geográficos).

Falamos em "dialectos madeirenses" e não em dialecto ou falares do Arquipélago da Madeira, utilizando a denominação de Lindley Cintra, no seu estudo inédito apresentado no II Congresso de Cultura Madeirense em 1990 no Funchal, intitulado "Os dialectos da ilha da Madeira no quadro geral dos dialectos galego-portugueses"<sup>1</sup>. Lindley Cintra sublinha a existência de traços fonéticos gerais que são comuns a toda a ilha e de traços específicos de áreas limitadas ou variedades locais, o que lhe permite falar em "dialectos madeirenses", integrados num grupo de dialectos insulares (a par com os dialectos portugueses continentais).

Podemos classificar os "dialectos madeirenses" como simultaneamente conservadores e inovadores. Trata-se de falares conservadores porque guardam traços fonéticos, morfológicos, sintácticos, semânticos e lexicais do português da época do povoamento da ilha, principalmente nas regiões mais isoladas. Contudo, os "dialectos madeirenses" apresentam também muitos traços inovadores, devido ao facto do Arquipélago da Madeira ser uma região que sofreu influências de diferentes culturas.

A "extraordinária variedade interna" dos falares da ilha da Madeira faz com que Lindley Cintra fale não em dialecto mas em "dialectos madeirenses"<sup>2</sup>. Este autor baseia-se, principalmente, na dissertação de licenciatura de Maria do Carmo Noronha Pereira concluída em 1952, que, na sua tentativa de elaboração de um pequeno *Atlas linguístico da Madeira*, procura aplicar aos "dialectos madeirenses" o método da geografia linguística, localizando e limitando as variedades locais da ilha da Madeira. Lindley Cintra

<sup>1</sup> Texto inédito que nos foi gentilmente cedido pelo Professor Doutor Ivo de Castro, já referido na nossa dissertação de mestrado de 1996, e que será publicado pelo Centro de Estudos Filológicos de Lisboa no *Boletim de Filologia*.

<sup>2</sup> CINTRA, L. F. Lindley, "Os dialectos da ilha da Madeira no quadro geral dos dialectos galego-portugueses" (texto inédito, apresentado no II Congresso de Cultura Madeirense, em 1990, no Funchal).

fundamenta, ainda, a sua descrição dos "dialectos madeirenses" nos estudos etnográfico-linguísticos de duas outras dissertações elaboradas em anos posteriores, nomeadamente: *Canhas e Câmara de Lobos. Estudo etnográfico e linguístico* de Maria Ângela Rezende (1961) e *Os falares da Calheta, Arco da Calheta, Paúl do Mar e Jardim do Mar* de João da Cruz Nunes (1965).

Como características fonéticas dos "dialectos madeirenses", Lindley Cintra aponta a ditongação da vogal tónica [i] em [aj] e [ej], nos seguintes exemplos: *naveio* por *navio*, *vaila* por *vila*, *espaiga* por *espiga*. Segundo este autor, trata-se de um fenómeno raro que não ocorre nos dialectos continentais. Lindley Cintra nota que esta ditongação não é generalizada, assim o [i] tónico não é ditongado na Ponta do Sol, em Câmara de Lobos, no Porto da Cruz e em S. Jorge. Em relação à vogal [u], Lindley Cintra refere o timbre especial do [u] tónico palatalizado ou ditongado em [aw], por exemplo: *laua* por *lua*, *faur-na* por *furna*, *auva* por *uva*, *raua* por *rua*, ditongação que também não ocorre nos dialectos do continente português. Trata-se também de uma ditongação não generalizada que não se encontra na totalidade da costa norte nem a oeste de Câmara de Lobos.

Lindley Cintra assinala a palatalização do [l], quando precedido da vogal palatal [i], como o traço geral e típico dos "dialectos madeirenses" (por exemplo: *vilha* ou *vailha* por *vila*, *grailho* ou *grilho* por *grilo*, *failha* ou *filha* por *fila*), salientando que, possivelmente, é este o único fenómeno que caracteriza efectivamente todos os falares da ilha. Embora registe ainda um outro fenómeno que parece poder ser considerado geral. Trata-se do *s* do português normal, quer medial quer final, com valor de palatal que, antes de consoante não labial ou não gutural, se transforma em [i], por exemplo: *ai nove* por *às nove*. Lindley Cintra sublinha que, também neste caso, temos uma evolução original ignorada nos dialectos do continente.

Além destes traços fonéticos mais gerais dos "dialectos madeirenses", Lindley Cintra refere os traços específicos de áreas limitadas ou variedades locais. A introdução da semivogal [j] depois de uma consoante e antes de uma vogal acentuada, formando um ditongo crescente, por exemplo: *apustjar* por *apostar*, *kjalsas* por *calças*, *kjaska* por *casca*, *espjada* por *espada*, *fjarto* por *farto*, *eskjuru* por *escuro*, entre muitos outros exemplos, o que ocorre em Câmara de Lobos, Serra de Água e Ponta do Sol. A ditongação de [o] antes de [a] em [aw], por exemplo em: *pesaua* por *pessoa*, *lagaua* por *lagoa*, *Lisbaua* por *Lisboa*. O emprego de [a] como vogal final ou paragógica, por exemplo: *kaféa* por *café*, *péa* por *pé*, *avóa* por *avó*, *sóa* por *só*, *doa* por *dou*, *voa* por *vou*, fenómeno observável no Porto Moniz, no Seixal, em Santana, no Faial, no Santo da Serra e na Camacha. A paragoge de [e] fechado em final de palavra, por exemplo: *abrile*,

açucare, anele, azule, cordiale, currale, funile, traço que caracteriza os falares de Câmara de Lobos e Seixal. A substituição de -u final por -e, por exemplo: porke por porco, vigaire por vigairo, faigade por fígado, no Porto da Cruz e em Santa Cruz.

Lindley Cintra assinala também como fenómeno fonético relevante: a síncope da consoante -g- em contexto intervocálico (por exemplo: aua por água, auasajru por aguaceiro, daju por digo, traju por trigo, viajru por vigario), localizando este traço na área que abrange Câmara de Lobos e a Fajã da Ovelha. Este autor refere ainda outros fenómenos mais restritos, particulares de variedades locais madeirenses, nomeadamente: o ditongo ou que aparece em posição final transformado em ua (por exemplo: lavua por lavou, chamua por chamou) e em posição medial substituído por oi (por exemplo: doitor por doutor, loivor por louvor, koive por couve, oitro por outro); a troca do v por b (por exemplo: bassoura por vas-soura, barrer por varrer e bespa por vespa), fenómenos que ocorrem em Câmara de Lobos. Embora, em relação a este último traço, possamos considerar tratar-se de um fenómeno popular não específico desta região.

Lindley Cintra não concorda com a afirmação de Leite de Vasconcelos<sup>3</sup> de que os "dialectos madeirenses" teriam a sua origem no Sul de Portugal. Segundo a proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses de Lindley Cintra<sup>4</sup>, os "dialectos madeirenses" aproximam-se do grupo dos dialectos centro-meridionais, na medida em que não apresentam sibilantes ápico-alveolares (o chamado "s beirão") nem apresentam a antiga consoante africada palatal surda tch, traços característicos dos dialectos do Norte de Portugal. Contudo, os "dialectos madeirenses" também não apresentam a monotongação do ditongo ei em e fechado, característica dos dialectos meridionais, nem a monotongação do ditongo ou em o, que, como já vimos, nos "dialectos madeirenses", é convertido em certos casos em -ua e noutros casos é substituído por oi. Pois, os "dialectos madeirenses" tendem a conservar (embora alterados) e mesmo a multiplicar os ditongos. Lindley Cintra salienta ainda o facto de certas regiões apresentarem a troca do b pelo v, típica dos dialectos portugueses setentrionais. Este autor conclui que não podemos afirmar que os "dialectos madeirenses" pertencem ao grupo dos dialectos meridionais, assim como também não podemos associá-los ao grupo dos dialectos setentrionais. Pois, como vimos, os "dialectos madeirenses" apresentam uma mis-

<sup>3</sup> VASCONCELOS, José Leite de, *Esquisse d' une dialectologie portugaise*, Lisboa, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1987 (3ª edição).

<sup>4</sup> CINTRA, L. F. Lindley, "Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses", *Boletim de Filologia*, xxii, pp. 81-116 e "Domínio actual da língua portuguesa", *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, pp. 9-24.

tura de traços próprios de ambos os grupos de dialectos continentais e alguns traços particulares que não se encontram nos dialectos do continente português, por isso podemos isolar os "dialectos madeirenses" num grupo à parte - o grupo dos dialectos insulares -, onde temos os "dialectos madeirenses" e os "dialectos açoreanos".

Lindley Cintra levanta o problema de saber qual a origem dos traços fonéticos que surgem nos "dialectos madeirenses". Serão o resultado da transplantação para o Arquipélago da Madeira de fenómenos que existem ou existiram em dialectos do continente? Como quase todos os traços dos "dialectos madeirenses" se caracterizam pela sua novidade e originalidade, em relação aos dialectos continentais, parecem contrariar esta hipótese. Apenas no caso da queda do -g- intervocálico, em Câmara de Lobos, Lindley Cintra atreve-se a estabelecer uma relação entre este fenómeno e a presença de povoadores beirões nesta região, uma vez que também registou este fenómeno num lugar da Beira-Baixa pertencente à zona repovoada pela ordem de que era Mestre o Infante Navegador.

Temos de recorrer à história da língua portuguesa, através de factores linguísticos e extra-linguísticos (histórico-geográficos), para compreendermos a formação dos "dialectos madeirenses". Sabemos que a língua portuguesa foi transplantada para o Arquipélago da Madeira com os portugueses no início do povoamento, mas resta-nos saber que português foi acolhido na ilha de acordo com a origem regional dos povoadores.

No povoamento do Arquipélago da Madeira participaram povoadores oriundos de todas as regiões do país com predomínio claro dos povoadores da região norte de Portugal, como revelam estudos históricos, etnográficos, linguísticos e onomásticos já realizados. No entanto, nos "dialectos madeirenses", são raros os traços fonéticos conservadores característicos dos dialectos portugueses setentrionais. O que, possivelmente, se explica por ter ocorrido, nos dialectos insulares, uma espécie de *Koinê* ou desdialectalização, resultante do encontro de vários dialectos, em que as inovações dos dialectos do centro e sul teriam maior força expansiva, apesar da esmagadora maioria dos povoadores da ilha serem do norte de Portugal.

Teria assim ocorrido, no Arquipélago da Madeira, um processo semelhante ao que ocorreu na colonização do Brasil, pois o Português do Brasil também não apresenta traços fonéticos característicos dos dialectos portugueses setentrionais. Esta é a explicação de Lindley Cintra<sup>5</sup>, mas podemos levantar uma outra hipótese explicativa. A hipótese de terem ocorrido inovações linguísticas, na ilha da Madeira,

<sup>5</sup> CINTRA, L. F. Lindley, "Alguns estudos de fonética com base no Atlas Linguístico da Península Ibérica", *Anais do Primeiro Congresso Brasileiro de Língua Falada no Teatro*, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, 1958, p. 186-195.

independentes das inovações do centro e sul de Portugal, que teriam tido resultados semelhantes, por se tratar de regiões de povoamento recente, onde se encontraram populações de diferentes proveniências, reunindo condições comuns, favoráveis à inovação linguística.

A hipótese da evolução espontânea do português insular do Arquipélago da Madeira, independentemente das inovações ocorridas ou em curso no sul de Portugal, é confirmada pela existência de traços fonéticos próprios dos "dialectos madeirenses" que não se encontram nos dialectos continentais. No Português do Brasil também encontramos traços inovadores relativamente ao Português Europeu e alguns traços comuns aos "dialectos madeirenses", como a utilização da forma progressiva *estar fazendo* por *estar a fazer*. Seria interessante fazer um estudo comparativo dos traços linguísticos conservadores e inovadores característicos destas duas regiões (no caso da Madeira povoada e no caso do Brasil colonizada pelos portugueses), definindo as relações existentes entre elas. Assim como já existe um estudo de Paiva Boléo<sup>6</sup> sobre as relações histórico-linguísticas existentes entre o continente português, os Açores e o Brasil. Seria ainda interessante realizar um estudo linguístico comparativo entre os "dialectos madeirenses" e os "dialectos açorianos" para conhecer os traços comuns aos dialectos portugueses insulares.

O estudo do português insular dos primeiros documentos redigidos na ilha da Madeira, nomeadamente: as *Vereações da Câmara Municipal do Funchal. Século XV*, parece revelar evoluções linguísticas já em curso que ainda não se tinham consolidado na língua padrão, como a confusão do sistema das quatro sibilantes e a fusão da consoante africada palatal surda com a fricativa. Evoluções que só se generalizam, no português padrão, nos séculos XVI e XVII respectivamente, o que pode ser um indício de que as inovações linguísticas surgem na Madeira desde muito cedo e de forma espontânea. Nesta mesma documentação primitiva da Madeira, o escrivão Afonso Anes faz, algumas vezes, a troca do *v* pelo *b* e do *b* pelo *v*. Esta confusão parece ser um vestígio da desdialectalização que ocorreu nos "dialectos madeirenses", em que se perderam os traços fonéticos conservadores do Norte de Portugal. Ernesto Gonçalves<sup>7</sup> afirma que se este escrivão fazia esta confusão, é porque "o falar comum dos madeirenses do seu tempo estava de acordo com

---

<sup>6</sup> BOLÉO, M. de Paiva, "A língua portuguesa do continente, dos Açores e do Brasil. (Problemas de colonização e povoamento)", *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. xviii, pp.591-625.

<sup>7</sup> GONÇALVES, Ernesto, "Os homens bons do concelho do Funchal em 1471", *Portugal e a ilha. Colectânea de estudos históricos e literários*, pp. 29-46.

esse escândalo linguístico da gente do norte do reino. Sem dar por tal, o escrivão da Câmara ia lavrando textos de singular valor filológico e, neste ponto, indiscretos quanto à proveniência de muitos moradores e povoadores da ilha que nos legaram a substância característica do nosso falar, embora a influência do sul do país se fizesse sentir um tanto, como era natural.". Este autor escreve ainda, na nota final do seu texto "No Minho, ao sol de Agosto"<sup>8</sup>, que a maior parte dos povoadores madeirenses vieram do Minho. E coloca a questão: "Não haverá ainda hoje parentesco entre o falar madeirense e o minhoto? No sotaque ilhéu persistem sons nasais acentuados, pelo menos em certas regiões. Como qualquer homem de Viana ou Barcelos, o camponês da Madeira (só o camponês?) profere *vendêrum*, *crescêrum* em lugar de *vendêram*, *crescêram*. E num documento do princípio do século XIX, um madeirense escrevia *vêco*, trocando em *v* o *b* de *bêco* - tal e qual como um minhoto... O nosso vocabulário guarda termos correntes que são familiares à gente do Minho e que provoca sorriso irónico aos bem falantes e sábios de léxico oficial." Este autor refere ainda a realização do advérbio de negação *não* como *nã* (quando isolado pronunciado *nã-o* e, em algumas localidades, *nã-um* ou *nã-om*), traço que considera comum aos falares do Minho e da Madeira<sup>9</sup>. Ernesto Gonçalves procura mostrar que, ainda hoje, existem traços linguísticos comuns entre o norte de Portugal e a Madeira. Na verdade, verificamos que, apesar de se terem perdido alguns traços fonéticos conservadores dos dialectos portugueses setentrionais, permanecem, nas zonas mais isoladas do Arquipélago da Madeira, formas arcaicas da língua portuguesa do século XVI (assim como acontece no Português do Brasil) e, provavelmente, muitas afinidades fonéticas, lexicais e outras com o norte de Portugal.

Os traços fonéticos mais característicos do português falado no Funchal, segundo Ernesto d'Andrade<sup>10</sup>, são: a palatalização do /l/ por influência da vogal [i] ou da semivogal [j], oral ou nasal, imediatamente anterior à consoante, quer pertença à mesma palavra quer não; a ditongação do /i/ tónico; a ditongação do /u/ tónico; o desaparecimento de /i/s átonos; a monotongação do ditongo escrito -ões; a anteriorização da vogal nasal do ditongo escrito -ão. Como podemos verificar, este autor regista alguns traços fonéticos apontados por Lindley Cintra, como a ditongação das vogais *i* e *u* e a palatalização do *l*. Assinala um traço fonético não referido por Lindley

<sup>8</sup> Texto publicado na Revista das Artes e da História da Madeira, vol. iv, 1955, p. —.

<sup>9</sup> GONÇALVES, Ernesto. "Apontamentos. Algo sobre o falar madeirense", Portugal e a ilha, Funchal: 445-446.

<sup>10</sup> ANDRADE, Ernesto d', 1991 "Algumas particularidades do Português falado no Funchal", Actas do IX Encontro da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa: 17-29.

Cintra, que encontra no português falado no Funchal, ou seja, o desaparecimento de /i/s átonos, e refere ainda a especificidade da realização dos ditongos nasais no português insular (traço que, como vimos, Ernesto Gonçalves aproxima dos falares minhotos). Andrade salienta, como Lindley Cintra, o traço que diz respeito à palatalização do /l/, como o mais importante e típico dos "dialectos madeirenses". Este autor constata que a palatalização do /l/ ocorre sempre que este é precedido da vogal ou semivogal palatal i oral ou nasal. Segundo Andrade, a palatalização do /l/ pode ainda ocorrer, por exemplo, na forma: *Helena*, depois da elevação da vogal átona inicial [e] que passa a [i]. A palatalização do /l/ realiza-se também no caso, estritamente fonético, do desaparecimento da vogal átona [i], em que o /l/ fica precedido por uma consoante, como em *vilão* ou *filosofia* sem o [i] que antecede o /l/, porque a vogal palatal provoca a palatalização, fundindo-se com a consoante, sendo que a palatalização precede o desaparecimento do [i] átono. A vogal [i] pode ainda sofrer a centralização das vogais átonas e temos a ocorrência da palatalização do /l/, em que este está precedido por uma vogal que já não é [i], também neste caso a palatalização ocorre antes da centralização do [i]. O /l/ pode ainda ser palatalizado pela semivogal [j] oral ou nasal, pertencendo ou não à mesma palavra, em que a semivogal do ditongo provoca a palatalização da consoante lateral seguinte. Em muitos casos, a semivogal desaparece ou é totalmente assimilada, sendo que a assimilação é posterior à palatalização. As palatalizações são processos naturais na evolução das línguas, pois ocorreram no latim vulgar que originou as diferentes línguas românicas, e ocorrem, hoje, no Português do Brasil, em que a vogal palatal i palataliza as consoantes anteriores t e d, originando consoantes africadas palatais. Este é um fenómeno inovador específico da norma do português brasileiro. Quanto à palatalização do l, nos "dialectos madeirenses", trata-se de um traço típico, mas pode não ser específico do português insular do Arquipélago da Madeira. Só o estudo comparativo dos "dialectos madeirenses" com todos os dialectos portugueses continentais e com os "dialectos açorianos" poderá determinar a especificidade deste traço fonético. Ernesto d'Andrade não estuda o fenómeno de despalatalização do l palatal, no português falado no Funchal, que também não é desenvolvido por Lindley Cintra. No entanto, este fenómeno é referido por alguns autores como fenómeno paralelo ao da palatalização, por exemplo, por Leite de Vasconcelos que afirma: "Dans toute l' île de Madère [...] il y a [...] un lh spécial qui donne l' impression que des mots qui, en portugais, contiennent un l, [...] ont le son de lh [...], et que des mots qui, en portugais, contiennent un lh [...] ont le son de l." Outros autores, como Rogers (1946) e Pereira (1952),

reto

não encontram o fenómeno de despalatalização no português insular da Madeira. A realização de um estudo actual e exaustivo pode confirmar a existência ou não de fenómenos de despalatalização nos "dialectos madeirenses" e a sua natureza e origem.

Apesar de já terem sido realizados muitos estudos linguísticos sobre o Arquipélago da Madeira, como: o de Kate Brudt (1937), o de F. M. Rogers (1946), o de Maria do Carmo N. Pereira (1951-52), o de Maria Ângela L. Rezende (1961), o de Abel M. Caldeira (1961), o de João da Cruz Nunes (1965), o estudo de Ernesto d'Andrade (1991), a monografia de Paula Freitas sobre *O falar de S. Vicente. Descrição do sistema vocálico* (1994)<sup>11</sup>, entre outros, o estudo de L. F. Lindley Cintra de 1990, ainda inédito, é o trabalho mais completo sobre os "dialectos madeirenses", uma vez que os outros estudos apresentam um carácter limitado. Mas, não podemos esquecer que Lindley Cintra utiliza estudos antigos e parciais para fazer a descrição dos "dialectos madeirenses", por isso seria necessário realizar um estudo recente e exaustivo que cobrisse todo o Arquipélago da Madeira, para confirmar estas variedades locais e outras que possam surgir e para definir com maior precisão e actualidade a localização de certos traços fonéticos que, entretanto, podem ter sofrido uma redução ou expansão em certas áreas. Este estudo permitiria confirmar as fronteiras fonéticas ou isófonas delimitadas por Lindley Cintra que formam os dialectos da ilha da Madeira (uma vez que Lindley Cintra não refere o Porto Santo) e a existência de traços inovadores e conservadores, nestes dialectos, em relação aos dialectos continentais, bem como permitiria, ainda, estudar o(s) dialecto(s) da ilha do Porto Santo.

Alguns traços fonéticos que caracterizam os "dialectos madeirenses" são inovadores e específicos desta área, pois resultam de uma região de povoamento aberta a diferentes culturas. Outros traços são conservadores e comuns a algumas regiões do continente português, principalmente do norte de Portugal, ou são formas e variantes populares que encontramos em várias regiões do país, tanto a norte como a sul, embora possam sofrer adaptações próprias dos "dialectos madeirenses", o mesmo acontece em relação ao léxico ou vocabulário madeirense. Existem muitos vocabulários madeirenses do século XX, nomeadamente: *Falares da ilha. Dicionário da linguagem popular madeirense* de Abel Marques Caldeira; *"Linguagem popular da Madeira"* (Ilha da Madeira de Eduardo Pestana; *Palavras do Arquipélago da Madeira* de Emanuel Ribeiro); *"Vocabulários do dialecto madeirense"*, *Revista de Portugal* de Vieira dos Santos; *Vocabulário madeirense* de Augusto da Silva; *"Subsídios para o*

<sup>11</sup> Trabalho de síntese das Provas de aptidão pedagógica e capacidade científica, apresentadas na Universidade da Madeira em 1994, e publicado no mesmo ano pela Câmara Municipal de São Vicente.



Cancioneiro do Arquipélago da Madeira. Tradições populares e vocabulário" (*Revista Lusitana de Urbano Canuto Soares; Dizeres da ilha da Madeira. Palavras e locuções de Luís de Sousa*) "O falar da ilha da Madeira I e II", *Revista de Portugal - Língua Portuguesa* - de Sebastião Pestana, no entanto muitos destes vocabulários apresentam algumas palavras e expressões que não são exclusivas do Arquipélago da Madeira, como denuncia Cabral do Nascimento, no seu texto "Existem palavras e locuções madeirenses?"<sup>12</sup>. Pois, muitas das formas referidas como particulares do Arquipélago da Madeira são alterações locais ou dialectais de palavras usadas no continente português. Assim, também no campo lexical, o Arquipélago da Madeira carece de um estudo científico que permita localizar com rigor as palavras e expressões tipicamente madeirenses, determinando as que são exclusivas do Arquipélago e as que são comuns a algumas regiões do continente português.

A elaboração de um atlas linguístico regional é imprescindível para que se possa determinar e localizar com segurança e precisão os traços fonéticos e lexicais dos "dialectos madeirenses", ou seja, as isófonas e as isoléxicas que formam os dialectos do Arquipélago da Madeira. Só podemos compreender verdadeiramente a nossa língua quando conhecermos a sua história e riqueza dialectal, por isso é urgente fazer inquéritos linguísticos nos meios rurais mais conservadores, antes que se percam as variedades dialectais ameaçadas pela tendência uniformizadora e massificadora dos meios de comunicação social, principalmente no Arquipélago da Madeira, onde falta realizar-se um estudo linguístico exaustivo para que possamos conhecer melhor os "dialectos madeirenses" e os seus traços conservadores e inovadores, a nível fonético, lexical, morfológico, sintáctico e semântico, enriquecendo a história da língua portuguesa com um atlas linguístico regional e com uma gramática dos dialectos insulares da Madeira.

---

<sup>12</sup> Texto publicado no *Arquivo Histórico da Madeira*, vol. VIII, 1950, pp. 204-211.